

VISÃO DO CORREIO

Potencial científico do país precisa de mais investimento

Na última semana, dois acontecimentos marcaram o universo científico no Brasil. Divulgado na segunda-feira passada, levantamento internacional sobre instituições de ensino superior revelou um quadro preocupante. Segundo a edição 2025 do ranking do Center for World University Rankings (CWUR), 87% das universidades nacionais, na classificação das 2 mil melhores do mundo, registraram declínio. Dois dias depois, Niède Guidon, fundadora do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, morreu aos 92 anos, depois de dedicar sua vida à arqueologia e dar relevância mundial à pré-história brasileira. Ao mesmo tempo em que se fortalece o alerta da urgência de um debate amplo sobre a importância dos estudos acadêmicos, o país é lembrado do potencial de produção de excelência que possui.

De acordo com a análise do CWUR, das 53 universidades brasileiras presentes na lista mundial, 46 tiveram queda — somente sete subiram. Quatro pilares sustentam a avaliação aplicada pela organização não governamental: educação (com peso de 25%), empregabilidade (25%), corpo docente (10%) e pesquisa, o fator mais importante, que corresponde a 40% da nota. É claro que, cada vez mais presente, a competição global eleva os níveis da disputa, mas o desempenho comparativo ruim mostrado pelas instituições no país não pode ser minimizado. A possibilidade de investimentos públicos e de contribuições do setor privado também são pontos relevantes e devem servir como estímulo para a busca de soluções, não como justificativas às questões enfrentadas no cenário nacional.

A carência massiva que as academias brasileiras encaram compromete a entrega de conteúdo por parte dos docentes e dos discentes. A

gestão da educação superior precisa encontrar caminhos para incentivar as políticas de apoio, proporcionando formação de alta aptidão. Ao mesmo tempo, a produção de conhecimento deve sair dos domínios das universidades, alcançando amplos setores — essa interação é fundamental porque fortalece o ensino e, especialmente, promove o desenvolvimento.

Os câmpus pelo país precisam de estrutura para ampliar as ações voltadas à inovação e ao intercâmbio internacional, aprimorar os processos e pensar sempre em garantir o bem-estar da comunidade estudantil. É primordial, ainda, o constante estímulo a projetos de impacto social. O ensino em sua instância de formação profissional precisa dialogar com o avanço da tecnologia, que causa mudanças marcantes no universo do trabalho e no cotidiano das pessoas. Além da ética, da preparação de mão de obra competente, o diploma precisa carregar a capacidade de criação inclusiva e de responsabilidade socioambiental. Sem se reinventar, acompanhar as melhores universidades do mundo vira uma tarefa difícil.

O compromisso com a qualidade e com a produção científica faz a diferença no âmbito acadêmico, mas principalmente, no crescimento do país. Uma nação se desenvolve a partir da educação — e ver indicadores brasileiros nesse quesito caírem exige reflexões. É fundamental unir o empenho dos governos, das instituições e dos cidadãos em favor de um ensino capaz de encontrar saídas para os desafios que a atualidade apresenta. Se o Brasil investir na vocação crítica e transformadora que está espalhada pelas salas de aulas de suas universidades, com certeza, o sucesso alcançado por pesquisadoras como Niède Guidon será multiplicado.



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbpress.com.br

Mocinhos, bandidos e o canguru viajante

“Ninguém é totalmente bom nem totalmente mal.” Era assim que o saudoso professor Carlos Chagas, um dos grandes jornalistas brasileiros do século 20, referia-se às idiossincrasias de políticos e outras figuras públicas controversas. (Aqui, discordo do grande mestre: não é possível haver traço de bondade em genocidas de judeus e de palestinos, por exemplo.)

Porém, de forma generalizada, é fato que não podemos categorizar pessoas em boas ou ruins como fazemos com comida, filmes ou cantores. Da mesma forma, caímos em um erro grosseiro ao enaltecer ou demonizar coisas — entre elas, a inteligência artificial (IA).

Por muitos anos, nós convivemos com a IA, sem nos darmos conta. É ela quem corrige automaticamente o que escrevemos no celular e no computador — o que, muitas vezes, resulta em erros grosseiros. Também são os sistemas inteligentes os responsáveis por abrir o portão da garagem por reconhecimento facial.

Só fomos percebê-la, contudo, quando começaram a se popularizar os aplicativos de IA generativa, um modelo que aprende padrões de dados humanos para, depois, gerar conteúdos. Primeiro, houve um assombro típico das reações causadas pelas maravilhas da tecnologia. Todo o mundo testou a versão gratuita do ChatGPT para fazer poesia, escrever letra de música ou pedir resenhas, para ver até onde a máquina é capaz de “criar”.

Depois, veio o medo. E se, como nos filmes de ficção científica, os sistemas ganharem vida própria, tornarem-se mais inteligentes do que os humanos e tomarem o controle do planeta? Então, chegou o deslumbre. Novamente, todo o mundo brincando com o ChatGPT para fazer cartoon do cachorro no estilo Disney ou Pixar (o que, com razão, despertou um debate

sobre direitos autorais). Ao mesmo tempo, há o fastio: muitas pessoas reclamam, nas redes sociais, de imagens e vídeos criados por IA, das manipulações exageradas, da falta de pitada humana no conteúdo ao que estamos expostos 24 horas por dia.

A IA, de fato, é perigosa. Não que um robô-aspirador de pó sairá passando por cima dos donos para tentar sugá-los, nem que a Alexa espalhará para todos os seus contatos conversas confidenciais que ela escutou. O risco não está na máquina, mas em quem a comanda — no caso, alguém de carne e osso.

Noutro dia, circulou no Instagram o vídeo de um canguru na fila de embarque de uma companhia aérea. Enquanto segurava inocentemente seu cartão, a funcionária da empresa batia boca com a suposta tutora do animal. Muita gente acreditou na cena — houve defesas apaixonadas pelo direito de ir e vir do marsupial, mas também teve quem reclamou de que passageiros podem ser alérgicos ao pelo do canguru. Claro, era IA.

Se a pegadinha do canguru foi inocente, o mesmo não se pode dizer de conteúdo falso cada vez mais sofisticado do ponto de vista tecnológico, com criação, inclusive, de telejornais 100% fake. Aqui, corremos um risco duplo: ou aceitaremos tudo o que nos mostrarem ou não acreditaremos mais em nada.

Na mesma semana em que o canguru “tentou embarcar no avião”, o maior congresso mundial de oncologia clínica, o Asco, nos Estados Unidos, exaltou o uso médico da IA, com estudos demonstrando os benefícios da ferramenta em laboratórios e nos consultórios. Parafrazeando meu antigo professor, não existe tecnologia boa ou ruim. O que fazemos com ela, porém, pode fazer de nós um homem bom ou ruim.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Lei do silêncio

Já vi e ouvi, por diversas vezes, autoridades policiais e oficiais da Polícia Militar alegarem que deixaram de atender ocorrências solicitadas por cidadãos e cidadãs incomodados por som alto automotivos e ou prediais — bares, boates etc. — porque o solicitante/denunciante se recusa a comparecer à delegacia para formalizar a denúncia. Ora, o policial tem ouvidos e pode levar um aparelho que constate o volume do som. Por ser um agente do Estado, tem fé pública. A meu ver, essa postura é simplesmente crime de prevaricação e ou omissão

» **Gilvan da Silva Gadelha**
Ceilândia

Exagero americano

Constitui-se em exagero a postura do governo americano ao agredir o Brasil, numa atitude de humilhação. Não no país e também aqui no Distrito Federal. Houve maldade diplomática. O brasileiro e, em particular, o brasileiro não estão entre os piores. Existe nos Estados Unidos, como em outros países desenvolvidos, um verdadeiro cartel no âmbito das drogas proibidas. E o o povo americano consome as mais diversas espécies de drogas, desde a cocaína, a heroína, o LSD e outras. Sabe-se que o Brasil, uma das maiores economias do mundo, deveria ter melhores índices sociais e de desenvolvimento humano (IDH). Há corrupção, sim, e os governos são responsáveis, mas esses não têm gestos de humilhar outras nações.

» **Eneido Corrêa da Silva**
Asa Sul

Injustiças

Dos Três Poderes da democracia, somente um, o Judiciário, não está submetido diretamente ao crivo do voto popular. Seu símbolo é a balança, que significa ponderação, equilíbrio, critério, imparcialidade, igualdade. Quando esse poder se emitiu na raia miúda do ativismo da politicagem, perde-se o leme que deveria conduzir a nave do Estado nos seus rumos. Constatamos atualmente o agravamento dessa situação, quando o STJ é investigado por venda de sentenças, e o STF acusado de

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Resultado do Censo: amém, aleluia, paz e luz e saravá! Cada um com sua fé e religião. Respeito sempre!

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Parodiando Shakespeare, parece que “há algo de podre no reino da Dinamarca”, pois a corrupção sonora voltou com tudo, neste último domingo, dia 8, azucrinando os ouvidos dos moradores da 103 Sul e vizinhanças até as 4h30 da madrugada. Haja Deus!

Lauro A. C. Pinheiro – Asa Sul

Foi linda a apresentação de Gil. Cantou os sucessos de todos os tempos. Ele é atemporal! O estádio estava lotado de jovens.

Celestina Brito — Brasília

Erramos

Diferentemente do que foi publicado na página 11 da edição de 8 de junho, o autor do artigo A ciência está mudando, e os cientistas também é Maurício Antônio Lopes, pesquisador da Embrapa Agroenergia.

violar a Constituição, entre muitos outros mafeitos, além de tribunais de contas com comportamentos estranhos. Se as Cortes superiores estão assim, o que se passa naquelas de instâncias inferiores? Temos visto situações absurdas em que os magistrados descumprem a lei escandalosamente, na maioria das vezes, sem quaisquer consequências. Um juiz pode cometer crimes, prevaricar etc., que dificilmente será preso. Sua pena máxima é a aposentadoria compulsória, em que auferirá pelo resto da vida seus gordos proventos e vantagens. Diante disso tudo, o que pode o cidadão comum fazer para não viver desesperado, desanimado, ansioso e triste diante de tanta injustiça? Poderia-se dizer que ele pode mudar esse panorama pela força do voto, mas na prática, isso tornou-se uma utopia. Nesse estado de coisas, muitas pessoas têm sua esperança unicamente na justiça Divina, e não há o que fazer nesse plano mundano. Se fizermos uma leitura da história humana, verificamos que a maior chance é esse sistema perverso se autodestruir. Foi assim com todos os impérios, como podemos constatar no exemplo do Império Romano.

» **Humberto Pellizzaro**
Asa Norte

Eduardo Bolsonaro

Louvável a atitude do ministro Alexandre de Moraes de tomar uma providência em relação aos comentários e às postagens de vídeos nas redes sociais do deputado licenciado Eduardo Bolsonaro. Não é de agora que ele vem desmoralizando o STF e alguns ministros da Corte. Quem não se lembra das palavras do Eduardo Bolsonaro quando, em uma sala de aula, disse que “bastaria um cabo e um soldado para fechar o STF”? Está claro que ele está desesperado para salvar a pele do pai, que a qualquer momento poderá ser preso por tentativa de golpe de Estado e outros crimes. Os piores cegos são os apoiadores que não querem enxergar o óbvio: as atitudes de Eduardo Bolsonaro não são de um político que se diz patriota. Ele está expondo a Justiça brasileira a situações vexatórias, e essas atitudes poderão lhe trazer muitos problemas judiciais aqui no Brasil.

» **Evanildo Sales Santos**
Gama

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
------------	---------	-----

DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00
-------	----------	----------

Assine

(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 1.187,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br